

Assim Falam as Plataformas: uma proposta de análise da constituição de práticas e comportamentos nos textos de plataformas digitais¹²

Willian Fernandes Araújo³

Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc)

RESUMO

O artigo desenvolve uma proposta de esquema de análise que visa mapear as formas como plataformas digitais buscam condicionar práticas e comportamentos a partir do estudo dos seus textos. A proposta é baseada na análise de dispositivos textuais (ARAÚJO, 2017), um enquadramento analítico para estudo do texto que busca descrever os atores e traduções constituídos na composição das narrativas, mapeando objetivos, relações e efeitos. Trata-se de uma matriz de análise constituída a partir de contribuições dos Estudos de Ciência e Tecnologia (ECT) e da Teoria Ator-Rede (TAR), com objetivo de sistematizar um estudo do caráter performativo dos textos. Ao final, é proposta uma estrutura para análise de dispositivos textuais orientada para o estudo de plataformas digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Dispositivos Textuais; Plataformas digitais; Teoria Ator-Rede; Estudos de Ciência e Tecnologia

Introdução

“Dê uma olhada e descubra tudo o que você precisa para se inspirar, interagir e ter sucesso” (YOUTUBE, 2019, documento online). Esta é a frase que estampa a tela de boas-vindas na Escola de Criadores de Conteúdo do YouTube, página de web com cursos voltados a quem pretende produzir conteúdo audiovisual para a plataforma. Nestes textos⁴, uma série de práticas e comportamentos são destacados para o *sucesso* dos usuários. A forma como *falam* as plataformas digitais por meio desses textos representa

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O trabalho deve ser avaliado também para o livro "Fluxos comunicacionais em redes sociotécnicas: repercussões das micro-narrativas ao big data"

³ Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: willianfaraujo@gmail.com.

⁴ O termo texto é usado neste artigo em um sentido amplo, para designar não apenas os escritos, mas também imagens e vídeos criados por plataformas para comunicação com usuários, desenvolvedores, imprensa, etc.

um poderoso instrumento de constituição do que elas são e da relação que estabelecem com outros atores relevantes como usuários, criadores de conteúdo, desenvolvedores etc. Seja em publicações para imprensa, em mensagens aos usuários através de interfaces, em cursos para criadores de conteúdo, uma gama de textos é mobilizada para constituição das plataformas, articulando compreensões e racionalidades específicas para definir cenários nos quais pareçam ser, por exemplo, meras facilitadoras das ações dos usuários (GILLESPIE, 2018).

Ao centralizarem boa parte do fluxo informativo global (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018), plataformas digitais consolidam-se como mediadoras dos processos midiáticos **online**, incorporando a eles dinâmicas dirigidas por algoritmos e dados digitais. Neste cenário, plataformas representam arquiteturas digitais desenvolvidas para organizar a interação entre usuários a partir da sistemática coleção, processamento e monetização dos seus dados (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018). Mais que um padrão técnico específico, plataformas são um modelo sociotécnico contemporâneo de organização de práticas **online**.

O que são e o que fazem plataformas digitais, portanto, não são definições decorrentes exclusivamente da materialidade digital das estruturas e serviços oferecidos. Tais conceitos dependem também de construções materiais e discursivas que visam informar e dar sentido a práticas e comportamentos nesses ambientes. “Plataformas digitais são, portanto, compostas não apenas de seus arranjos materiais, mas também, de forma inseparável, de discursos que dão sustentação a determinadas práticas” (ARAÚJO, 2018, p. 5).



A forma como práticas e comportamentos se constituem em plataformas digitais é sempre efeito de um processo relacional de negociação entre múltiplos atores. Logo, o que representa produzir conteúdo para o YouTube, por exemplo, não pode ser reduzido ao que a plataforma define adequado, padrão ou impróprio. Práticas e comportamentos são, portanto, inseparáveis das apropriações e reconfigurações impostas pelos usos desses mecanismos. Assim, estudar as produções materiais e discursivas sobre suas funcionalidades oferece um espaço de observação parcial dessas dinâmicas. Porém, tais construções podem ser um insumo importante para mapear as lógicas performadas por plataformas digitais.

Assim, o objetivo deste artigo é desenvolver uma proposta de esquema de análise capaz de mapear como plataformas digitais buscam condicionar práticas e comportamentos a partir dos textos que elas produzem e colocam em circulação. Para isto, tomou-se como base a análise de dispositivos textuais (ARAÚJO, 2017), como proposta de enquadramento analítico para o estudo do texto que busca descrever os atores e traduções constituídos na composição da narrativa, mapeando objetivos, relações e efeitos. Trata-se de uma matriz de análise constituída a partir de contribuições dos Estudos de Ciência e Tecnologia (ECT) e da Teoria Ator-Rede, com objetivo de sistematizar um estudo do caráter performativo dos textos. Ao final, é proposta uma estrutura para análise de dispositivos textuais orientada para o estudo de plataformas digitais, constituída em quatro etapas: seleção dos textos, interdefinição dos atores, reconstrução das cadeias de mediação e elaboração do relato textual.



A ascensão das plataformas Digitais

Ao longo da última década, a partir de transformações ocorridas na estrutura da web pela centralização de grande parte dos fluxos informacionais em sistemas proprietários (FRAGOSO, 2007), as plataformas emergem como modelo de organização dominante entre serviços digitais (HELMOND, 2015). Essas estruturas, presentes em boa parte de nossas atividades cotidianas, não são ferramentas neutras (MILAN, 2015): elas moldam as formas como realizamos essas práticas (VAN DIJCK, 2013; GILLESPIE, 2015), promovem determinados entendimentos sobre outros (BEER, 2008), incentivam determinados comportamentos em detrimento de outros (ARAÚJO, 2017), atuam produzindo classificações valorativas como *mais relevantes, mais populares, mais importante, de maior qualidade* etc. (GILLESPIE, 2014). Ou seja, são constructos sociotécnicos que trazem “normas e valores específicos inscritos em suas arquiteturas” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 3).

O conceito de *plataforma* vem sendo usado por pesquisadores e pesquisadoras de mídias digitais para dar visibilidade ao caráter pró-ativo dessas estruturas e, ao mesmo tempo, destacar sua performatividade⁵ (INTRONA, 2016). Seja na forma como nos informamos (GILLESPIE, 2010), interagimos com outros (VAN DIJCK, 2013),

⁵ O conceito de performatividade é apresentado no item *A performatividade do texto*.

mobilizamos- nos (MILAN, 2015), ou navegamos pela web (HELMOND, 2015), plataformas representam mediadores, no sentido que a Teoria Ator-Rede dá ao termo (LATOUR, 2012), como agentes que moldam os atos sociais, ao invés de meramente facilitá-los (VAN DIJCK, 2013), condicionando conteúdos, práticas e comportamento, por exemplo, ao metrificar interações as relações dos usuários. (MILAN, 2015; GROSSER, 2014). Para Gillespie (2015, p. 2), reconhecer que plataformas digitais “moldam as dinâmicas sociais que dependem delas nos permite estabelecer conexões entre o desenho (técnico, econômico e político) das plataformas e os contornos do discurso público que elas mantêm”⁶.

Parte da resistente crença na transparência ou irrelevância das plataformas na constituição de práticas e processos online pode ser atribuída à contínua produção de discursos que buscam representá-las como uma ferramenta neutra e eminentemente técnica (VAN DIJCK, 2013). Nas diferentes instâncias que constituem as plataformas, o foco da ação é colocado sobre os usuários, suas relações e os conteúdos. Seja em interfaces, em funcionalidades específicas ou em manuais para usuários, é possível observar construções materiais e discursivas que buscando enquadrar a agência das plataformas como um elemento invisível ou insignificante diante do “contato social recompensador, do conteúdo excitante, do palpável senso de comunidade” (GILLESPIE, 2018, documento online).

Boas práticas, manuais ou dicas de como melhor usar funcionalidades representam inscrições materiais que enquadram certos entendimentos, por exemplo, classificando alguns comportamentos ou usos como bizarros, inapropriados, indesejados etc. Plataformas como o YouTube e o Facebook costumam produzir e disponibilizar um significativo número de publicações online a fim de informar e instrumentalizar o uso de seus serviços. Logo, esses textos representam um privilegiado lócus de análise da constituição das práticas e comportamentos em plataformas digitais, possibilitando a observação de normas e de valores específicos aí inscritos (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Para realizar uma análise de como plataformas digitais constituem-se por meio dos textos é necessário assumir um entendimento *performativo* sobre a natureza dos textos na conformação de objetos técnicos.

⁶ Todas as citações de textos em língua inglesa foram traduzidas pelo autor.

A performatividade do texto



Em objetos simplórios ou em artefatos de alta complexidade, textos são elementos centrais na constituição do que um mecanismo é e do que ele faz, dando sentido e enquadrando ações e práticas. Manuais, contratos, termos e instruções de uso, conteúdos publicitários e informacionais carregam consigo sentenças “que são proferidas (contínua e silenciosamente) pelos mecanismos para o benefício dos que são mecanizados: faça isso, faça aquilo, comporte-se dessa maneira” (LATOURE, 1992, p. 157). Como extensão de um objeto técnico, os textos configuram-se como mediadores que estabelecem, performam e prescrevem entendimentos específicos sobre a realidade, definindo um cenário no qual se desenvolve uma ação. Isto é, o que mecanismos fazem e os usos esperados deles são noções definidas em processos relacionais e de negociação, que têm como parte importante a percepção dos usuários sobre o que cada funcionalidade representa e para que ela serve (AKRICH, 1992).

Pense, por exemplo, no feed de notícias do Facebook, espaço onde é possível visualizar publicações de amigos e páginas. O que leva você a compartilhar algo com suas conexões no Facebook? É claro que você tem os seus propósitos e objetivos pessoais ao decidir compartilhar um conteúdo e que outra pessoa poderá ter motivações distintas ou contrárias às suas. Porém, ao estudar a construção desse mecanismo a partir dos textos dirigidos pelo Facebook aos seus usuários, é possível entrever a construção de uma noção de o que *estar em visibilidade* significa, adotando uma perspectiva positiva que, gradualmente, tem se tornado uma compreensão amplamente naturalizada entre usuários. Como sugere van Dijck (2013), não é possível compreender o significado de compartilhar em plataformas de redes sociais sem acompanhar o constante processo de transformação da ideia de privacidade e do valor de estar em visibilidade. Compartilhar “não é simplesmente algo que ‘está aí’ na sociedade e é refletido online. Em vez disso, os proprietários e os usuários têm negociado o significado de compartilhar desde o início [do Facebook], em Harvard, em 2004, até a sua estreia na Nasdaq em 2012” (VAN DIJCK, 2013, p. 46). A transformação do que *estar em visibilidade* e, conseqüentemente, compartilhar significa também é resultado dos arranjos materiais e discursivos do Facebook, dos quais os textos são parte importante.

A abordagem do texto como um agente produtor de realidades pode ser definida como um enquadramento performativo que deriva do cruzamento de perspectivas diversas como os Estudos de Ciência e Tecnologia (ECT) e Teoria Ator-Rede. Embora parte significativa dos esforços empíricos de pesquisa associados à ECT e à TAR sejam de caráter etnográfico, o estudo de textos tem uma trajetória consistente dentro destas perspectivas. Como destaca Nimmo (2011), a TAR oferece uma forma distinta de analisar textos, abrindo espaço para entendê-los como inscrições relacionais incorporadas em uma ampla rede que eles ajudam a constituir. Estudos seminais como os de Latour (1993) e Callon (2002) observam textos como mediadores que produzem objetos, constituem práticas e cristalizam entendimentos específicos sobre a realidade.

Em relação ao termo “performatividade”⁷, sua definição é baseada na proposta realista agencial de Barad (2003), emergente no seio das perspectivas pós-humanistas e bem aceito nos ECT (INTRONA, 2016; ZIEWITZ, 2012). O *entendimento performativo das práticas discursivas*, segundo Barad (2003), desafia o excessivo poder atribuído à linguagem na definição do que é real, bem como a noção do texto como representação de algo pré-existente. Portanto, a performatividade é entendida como uma postura que possibilita reconhecer o caráter produtivo dos textos como participantes ativos no processo sempre constante de constituição do que é a realidade (BARAD, 2003).

Outro aspecto essencial desta abordagem é a busca pela quebra do dualismo entre o que é material e é discursivo. “Práticas discursivas e fenômenos materiais não estão em um relacionamento de externalidade” (BARAD, 2003, p. 822). Não há nenhuma separação *a priori* do que é discursivo e do que é material, aspecto que aproxima esta perspectiva da uma compreensão foucaultiana do discurso, como o conjunto de relações que recursivamente produz sujeitos, objetos e conhecimentos, e limita o que pode ser dito (LAW, 2004). Consequentemente, matéria e significado são considerados como mutuamente articulados, pois “práticas discursivas são específicas (re)configurações materiais do mundo, por meio das quais são performadas diferentemente de determinações locais de fronteiras, propriedades e significado” (BARAD, 2003, p. 820-821).

⁷ É importante enfatizar que performatividade não apresenta nenhuma relação com o conceito de performance de Erwin Goffman. Para uma discussão detalhada, ver Law (2004).

Pensar o texto por uma perspectiva performativa implica reconhecê-lo não apenas como a representação de determinada realidade, mas também como agente produtor de realidades. Ou seja, é entender como resultado, mas também como ponto de partida (CALLON, 2002), como um ator que está associado a uma rede com outros atores, mas que a expande ou a atualiza. Para isto, é necessário girar o foco analítico e abandonar a busca por definir se um texto distorce uma dada realidade, com a finalidade de mapear as características das realidades performadas. Para usar a metáfora de Haraway (1992), é mudar o foco das questões de reflexo, para as questões de difração: é deixar de questionar se tal enunciado reproduz a realidade e passar a mapear qual realidade produz. Portanto, textos “são parte das práticas de atuar e intervir no mundo e, assim, performar uma de suas versões – até que se torne realidade” (MOL; LAW, 2002, p. 19).

Ao realizar esse giro do foco analítico, deixam-se de lado as questões hermenêuticas para *seguir e traçar* “o trabalho de inscrição, tradução e mediação performado por textos.” (NIMMO, 2011, p. 114). É neste sentido que Nimmo (2011) vai designar textos como *tecnologias de mediações*, como inscrições materiais e móveis que performam, descrevem, possibilitam e conectam atores, práticas e conhecimentos. Optar por seguir esses textos como mediadores vai possibilitar observar “histórias que definem quem são os atores principais, o que acontece com eles, quais são os desafios encontrados.” (LATOUR, 1993, p. 9).

Portanto, no item a seguir, passo a delinear o que venho chamando de análise de dispositivos textuais (ARAÚJO, 2017), como uma proposta de enquadramento analítico que tem como objetivo descrever o caráter performativo desses dispositivos, observando a constituição dos atores da narrativa e mapeando seus objetivos e seus efeitos.

Texto como dispositivo: o desenvolvimento de um enquadramento analítico

Pensar o texto como dispositivo é enfatizar o seu caráter performativo, ressaltando seu papel como agente produtor de práticas e sentidos. A proposta de entender o texto como dispositivo deriva do trabalho de Callon (2002) em torno do conceito de *dispositivos escritos*. Esta proposição é fruto de sua incursão etnográfica nas formas de organização de diferentes empresas. A definição de dispositivos escritos enfatiza textos

impressos, como manuais e cartilhas, buscando ressaltar suas características performativas como ferramenta de gestão.

A noção de dispositivo está aqui associada à proposta de Deleuze (1990), que, a partir das discussões desta noção na obra de Foucault, desenvolve um entendimento bastante próximo da ideia de agenciamento. Nesse sentido, entender dispositivo como agenciamento implica enfatizar a distribuição da agência. Assim, “é apenas quando os dispositivos são entendidos como agenciamentos que se torna possível rastrear os crescentes meandros da agência.” (CALLON; MILLO; MINUESA, 2007, p. 3).

Logo, dispositivo textual é uma noção empregada para designar os textos colocados em circulação, seja na web de modo geral, ou em uma plataforma específica, como agentes materiais e discursivos que atuam na conformação de práticas e comportamentos, performando visões particulares sobre o que são e o que fazem as plataformas digitais. O termo dá proeminência ao papel do texto como mediador, que sempre é o resultado de determinado processo, mas também estabelece agenciamentos que se estendem com caráter produtivo.

A análise de dispositivos textuais, portanto, representa um enquadramento para o estudo do texto que busca descrever os atores constituídos na composição da narrativa, mapeando seus objetivos, relações e efeitos. Embora o uso de um termo específico busque dar certa unidade à proposta, a análise de dispositivos textuais não representa um método novo, experimental ou original. Ela é uma proposta de enquadramento de análise que reúne contribuições já proeminentes no campo dos ECT, com objetivo de sistematizar um estudo do caráter performativo dos textos. Seu propósito é reunir essas contribuições a fim de produzir uma proposta de análise adequada para o estudo de processos sociotécnicos a partir dos textos. Trata-se de uma proposta de enquadramento analítico complementar e dependente de outras estratégias metodológicas.

Elementos constituintes da análise de dispositivos textuais

Como enquadramento analítico, a análise de dispositivos textuais tem como propósito mapear a forma como esses agentes constituem o cenário para a ação a partir da sua narrativa. Ou seja, produzir um ferramental capaz de auxiliar na *descrição dos roteiros de ação* dos dispositivos, mapeando assim seus enquadramentos (históricos,

políticos, ideológicos). Partindo das contribuições de Latour (1993) e Nimmo (2011), o foco central desta forma de análise é seguir a narrativa constituída em um dado texto, acompanhando a produção dos atores aí incorporados, mapeando seus desvios, derivações, traduções, buscando descrever a rede de associações montada para *fazer emergir* determinado enquadramento. Como destaca Latour (1993), é seguir as “histórias que definem quem são os atores principais, o que acontece com eles, quais são os desafios encontrados” (LATOURE, 1993, p. 9).

É possível eleger dois focos principais de atenção na observação dessas narrativas: interdefinição dos atores e das cadeias de tradução. Estas duas incidências analíticas representam também dois conceitos fundamentais da Teoria Ator-Rede: a noção de ator-rede e de tradução – para uma descrição detalhada das duas noções, ver Lemos (2013). Interdefinição dos atores representa a observação dos traços inscritos nos dispositivos textuais para descrever os atores implicados nos fatos narrados. Na análise, o objetivo, portanto, é traçar como os agentes são definidos no interior dessas narrativas (por exemplo, usuários, investidores, dados, algoritmos etc., toda a entidade que *faz* algo) e como esses agentes se relacionam com outros.

Já as cadeias de tradução remetem às sucessivas equivalências ou transformações estabelecidas nos dispositivos, como o deslocamento mediado, como o “trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses.” (LATOURE, 2001, p. 356). Ou seja, o termo busca descrever os processos de composição de redes de mediação para produção de equivalências, de transformações ou de deslocamentos. Latour (1994a, p. 32) define tradução como “o deslocamento, a variação, a invenção, a mediação, a criação de uma ligação que não existia antes e que até certo ponto, modifica dois elementos ou agentes.”. Como apresentei em estudo sobre o Feed de Notícias do Facebook (ARAÚJO, 2017), há na construção dessa funcionalidade a constituição de uma cadeia de tradução que visa tornar a noção de *conteúdo de alta qualidade* equivalente aos dados de aumento do engajamento de usuários na plataforma.

A interdefinição dos atores e das cadeias de tradução são os elementos centrais na *descrição dos roteiros de ação* dos dispositivos textuais. São duas noções que auxiliam neste processo de *decomposição*, mas que, empiricamente, são inseparáveis. Portanto, é preciso ter cuidado ao tomar tais categorias de observação, buscando não realizar uma abordagem essencialista, como se fossem dois elementos totalmente estanques.

Conforme o objetivo estabelecido para o artigo, passo no item a seguir a propor uma sistematização do esquema de análise desenvolvido a partir dos pressupostos que integram a análise de dispositivos textuais.

Análise de dispositivos textuais em quatro passos: uma proposta de estrutura analítica

Neste item, busco desenvolver uma estrutura de análise adequada ao estudo da constituição de práticas e comportamentos em plataformas digitais, almejando assim tornar esse processo mais claro e compreensível. Assim, proponho uma organização do processo de análise a partir de quatro etapas: seleção dos textos, interdefinição dos atores, reconstrução das cadeias de mediação e elaboração do relato textual.

a) Seleção dos textos

Como é comum a qualquer proposta metodológica, sua capacidade de produzir uma análise aprofundada depende de uma seleção adequada e coerente dos dados a serem analisados, levando em consideração os objetivos traçados para a pesquisa. No caso da análise de dispositivos textuais, qualquer texto pode ser utilizado com o propósito de observar seu caráter performativo. Entratanto, ao tomar como objetivo entender como as plataformas digitais condicionam práticas e comportamentos, pode ser mais proveitoso observar os textos que se dirigem especificamente aos usuários, como as sugestões, dicas ou orientações para o desenvolvimento de um *uso* mais *adequado* ou *proveitoso* das funcionalidades. Páginas como o News Feed FYI do Facebook⁸ e a Escola de Criadores de Conteúdo do YouTube⁹ representam repositórios de conhecimento que buscam orientar as chamadas *boas práticas* nestas duas plataformas. Nesses textos é possível observar com mais clareza a construção de conceitos pelos quais plataformas digitais definem suas funcionalidades, antecipam usuários e normatizam as relações entre os diferentes atores implicados.

⁸ Disponível em: <https://newsroom.fb.com/news/category/news-feed-fyi/>

⁹ Disponível em: <https://creatoracademy.youtube.com/page/education?hl=pt-br>

b) Interdefinição dos atores

Mapear a interdefinição dos atores significa traçar como os agentes são definidos no interior das narrativas construídas pelos dispositivos textuais analisados. O objetivo é mapear como eles agem nesses roteiros e, a partir dessas ações, que relacionamento estabelecem entre si: obediência, discordância, indiferença, etc. Para isto, é fundamental não realizar qualquer pré-definição do que ou quem é um ator: basta traçar como os agentes são definidos no interior das narrativas produzidas no dispositivo analisado e qual é o resultado de suas ações.

Ao analisar um dos cursos da Escola de Criadores de Conteúdo do YouTube (ARAÚJO, no prelo), foi possível observar a constituição do *algoritmo* como um agente nas narrativas sobre *ser visível* na plataforma. Nos textos analisados, o algoritmo é performado como um agente reativo, que apenas *segue o público*: “O algoritmo tem dois objetivos simples: 1) Ajudar os espectadores a encontrar os vídeos que eles querem assistir, 2) Fazer com que continuem assistindo o conteúdo favorito deles.” (YOUTUBE, 2017, documento online). Portanto, o que o algoritmo faz é definido nesses roteiros como uma resposta às ações dos usuários da plataforma. Estes sim, os usuários, por meio de suas atividades dentro da plataforma, são performados como se fossem os principais responsáveis pelo que o sistema classifica como relevante. “Você deve estar se perguntando: ‘O que fazer para o algoritmo gostar dos meus vídeos?’ É simples: faça o público gostar deles. O algoritmo segue o público.” (YOUTUBE, 2017, online). Portanto, o *algoritmo* é performado como um agente unitário e linear, como se apenas transmitisse aos criadores as escolhas de seus públicos, buscando assim inviabilizar a racionalização por parte dos criadores de conteúdo sobre o funcionamento do sistema.

Inspirado pela abordagem de Latour (1993), e tomando o estudo sobre o algoritmo no YouTube como exemplo (ARAÚJO, no prelo), é possível elaborar questões que podem ajudar a melhor entrever a definição dos atores: o que o algoritmo faz? Por que ele faz isso? Quais seus objetivos? Quem mais age? Quais atores estão implicados pelas suas ações? Quais os efeitos da ação do algoritmo e dos outros atores que figuram no roteiro? Qual a relação entre eles? Quem é contra e quem é a favor? Quais equivalências são estabelecidas? Como a diferença é justificada?

c) **reconstrução das cadeias de traduções**

Cadeias de tradução é o termo usado por Bruno Latour (1993) para descrever os processos de produção de equivalência, geralmente através de dispositivos de inscrição (SCHMIDGEN, 2014). Trata-se do processo de mobilização de diferentes atores a fim de consolidar uma determinada noção. a estabilidade de uma noção/valor/conceito depende justamente da mobilização dessas redes de agentes.

No estudo realizado sobre o Feed de Notícias do Facebook, que analisou a constituição do mecanismo durante seus primeiros 10 anos (ARAÚJO, 2017), foi possível observar um grande número de cadeias de tradução mobilizadas para a definição do que o *feed* era e o que fazia ao definir o que é relevante para cada usuário ou usuária da plataforma. Em muitos casos, são compostas diversas cadeias de tradução que reúnem cientistas, bancos de dados, sistemas de inteligência artificial, recrutamento de usuários, discursos etc. Em um dos casos analisados, é observada a constituição de conceitos valorativos (por exemplo, *publicação caça-clique* ou de baixa qualidade) por meio de cadeias de tradução que mobilizam práticas de categorização e fatores estatísticos para construí-los computacionalmente. Portanto, a definição do que é um conteúdo de baixa qualidade ou de um título caça-clique é articulada em dados, pesquisas e testes, que buscam dar sustentação a enunciados como este: “80% das vezes, pessoas preferem títulos que ajudem a decidir se querem ler todo o texto antes de clicar na postagem” (EL-ARINI; TANG, 2014, documento online).

d) **Construção do relato**

A partir das perspectivas que compõem o que chamo de análise de dispositivos textuais, o *relato textual* é a ferramenta analítica usada para mapear a interdefinição dos atores e as cadeias de tradução. Relato textual é, portanto, a construção pela pesquisadora de uma descrição escrita que visa retrair como os dispositivos analisados “geram e ‘naturalizam’ novas formas e ordens de causalidade e, certamente, novas formas de conhecimento sobre o mundo.” (AKRICH, 1992, p. 207). Tal proposta configura-se como uma descrição dos roteiros inscritos nesses textos, buscando tornar visível a geografia de responsabilidades que atribuem a outros

(humanos ou não humanos) e as novas causalidades ou novas formas de conhecimento sobre o mundo que decorrem desse cenário (AKRICH, 1992).

A produção de um relato textual capaz de retratar a ação dos dispositivos depende de uma série de aspectos a serem considerados. Para Latour (2012), um bom relato textual é capaz de *tecer uma rede* de mediadores que interatuam e produzem um ao outro. “A tarefa consiste em desdobrar os atores como redes de mediações – daí o hífen na palavra composta ‘ator-rede’.” (LATOUR, 2012, p. 198). Desse modo, a produção de um relato textual visa *seguir* as ações e atores inscritos nos dispositivos analisados, acompanhando seus desvios e traduções. Para isso, é necessário mobilizar o máximo de mediadores possível e privilegiar ações ao invés de efeitos. Para isso, é necessário não definir *a priori* como os atores são levados à ação, mas sim, sem nenhuma pressuposição, descrever a interdefinição dos dispositivos observados. É não definir “como atores devem ser levados à ação, mas detectar os diferentes mundos que os atores elaboram uns aos outros.” (LATOUR, 2012, p. 80).

Nesse sentido, a atitude de apenas descrever revela dois aspectos importantes para a construção do relato: primeiro, descrever implica em não explicar. Isto é, não mobilizar conceitos e categorias para explicar, definir ou disciplinar o que é descrito. “Caso a descrição precise de explicação, então ela é ruim.” (LATOUR, 2012, p. 200). Segundo, esse relato textual descritivo produzido pelo pesquisador de forma alguma deve ser entendido e praticado como a recomposição exata de uma realidade empírica.

Considerações finais



O presente artigo desenvolveu uma proposta de esquema de análise que visa mapear as formas como plataformas digitais buscam condicionar práticas e comportamentos a partir do estudo dos seus textos. A proposta é baseada na análise de dispositivos textuais (ARAÚJO, 2017), uma matriz analítica, baseada nos estudos de ciência e tecnologia e na Teoria Ator-Rede, que tem como propósito descrever o caráter performativo de textos, observando a constituição de enquadramentos específicos por meio da descrição dos atores da narrativa, do mapeamento dos seus objetivos, relações e efeitos.

É importante ter em conta que o processo de constituição de práticas e comportamentos em plataformas digitais é sempre um processo relacional, no qual interatuam múltiplos atores, humanos e não humanos. Logo, o estudo dos dispositivos textos das plataformas digitais nos dá uma dimensão parcial deste processo, que deve ser comparada com outras perspectivas, como as percepções e práticas desenvolvidas por usuários, que, em muitos casos, deflagram relações de conflito com as visões performadas nos textos.



Referências bibliográficas

AKRICH, M. The de-description of technical objects. In: BIJKER, W. E.; LAW, J. (Org.). **Shaping technology / building society: studies in sociotechnical change**. Cambridge: The MIT Press, 1992. p. 205–224.

ARAÚJO, W.F. . **As narrativas sobre os algoritmos do Facebook**: uma análise dos 10 anos do feed de notícias. 2017. 315 f. Tese de doutorado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. A construção da norma algorítmica: análise dos textos sobre o Feed de Notícias do Facebook. In: **E-Compós**, v. 21, n. 1, p. 1-22, 2018.

_____. ‘Não se preocupe com o algoritmo’: governamentalidade e a construção de uma norma algorítmica no YouTube. In: PRIMO, A. VALIATI, V. **Interações em Rede – Vol. 2**. Porto Alegre: Editora Sulina, no prelo.

BARAD, K. Posthumanist performativity: toward an understanding of how matter comes to matter. **Signs**, v. 28, n. 3, p. 801–831, 2003.

BEER, D. Social network (ing) sites... revisiting the story so far: a response to danah boyd & nicole ellison. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 2, p. 516–529, 2008.

CALLON, M. Writing and (re) writing devices as tools for managing complexity. In: LAW, J.; MOL, A. (Org.). **Complexities: social studies of knowledge practices**. Durham: Duke University Press, 2002. p. 191–214.

CALLON, M.; MILLO, Y.; MUNIESA, F. An introduction to market devices. In: _____. (Org.). **Market devices**. Malden: Wiley Online Library, 2007. p. 1–12.

EL-ARINI, K.; TANG, J. News feed fyi: click-baiting. **Facebook newsroom**, [S.l.], 2014. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/news/2014/08/news-feed-fyi-click-baiting/>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

FRAGOSO, S. Quem procura, acha? o impacto dos buscadores sobre o modelo distributivo da world wide web. 2007. **Eptic on-line**, 2007. v. 9, n. 3. 2007.

_____. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, PABLO J. T.; BOCZKOWSKI, K. A. F.

(Org.). **Media technologies**: essays on communication, materiality, and society. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 167–194.

GILLESPIE, T. Platforms intervene. **Social Media+ Society**, v. 1, n. 1, 2015.

_____. **Custodians of the Internet**: Platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media. Yale University Press, 2018. Kindle Edition.

GROSSER, B. What do metrics want? how quantification prescribes social interaction of facebook. **Computation Culture**, [S.l.], 2014.

HARAWAY, D. The promises of monsters: a regenerative politics for inappropriate/d others. In: GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. (Org.). **Cultural studies**. Nova York: Routledge, 1992. p. 295–337.

HELMOND, A. **The web as platform**: data flows in social media. [S.l.]: Universidade de Amsterdã, 2015.

INTRONA, L. Algorithms, governance, and governmentality: on governing academic writing. **Science, Technology & Human Values**, v. 41, n. 1, p. 17-49, 2016.

LATOURE, B. Where are the missing masses? the sociology of a few mundane artifacts. In: BIJKER, W. E.; LAW, J. (Org.). **Shaping technology / building society. studies in sociotechnical change**. Cambridge: The MIT Press, 1992. p. 153–180.

_____. **The pasteurization of france**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

_____. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.

LAW, J. **After method**: mess in social science research. Abingdon: Routledge, 2004.

LAW, J.; MOL, A. (Org.). **Complexities**: social studies of knowledge practices. Durham: Duke University Press, 2002.

NIMMO, R. Actor-network theory and methodology: social research in a more-than-human world. **Methodological Innovations Online**, v. 6, n. 3, p. 108–119, 2011.

SCHMIDGEN, H. **Bruno Latour in pieces**: an intellectual biography. Nova York: Fordham University Press, 2014.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. [S.l.]: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, J; POELL, T; DE WAAL,. The platform society: Public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

YOUTUBE. Aula: Criar títulos e miniaturas eficazes. **Escola de Criadores de Conteúdo**. 2017. Disponível em: <<https://creatoracademy.youtube.com/page/lesson/thumbnails?cid=get-discovered&hl=pt-B>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

ZIEWITZ, M. **Evaluation as governance**: the practical politics of reviewing, rating and ranking on the web. [S.l.]: Universidade de Oxford, 2012.